

A difícil tarefa de Nietzsche e Heidegger

Paul Gilbert. SJ*
Ibraim Vitor de Oliveira**

RESUMO

O presente texto, ao afrontar o problema da *pós-modernidade* em filosofia, se depara com Nietzsche e Heidegger, geralmente tidos como seus iniciadores. Ambos contestam a modernidade e o pensamento filosófico em geral principalmente por se apoiarem prevalentemente nos ditames da lógica que calcula e presta contas. A *acusação* é de que tal cálculo racional, circunscrevendo a própria vida e se mantendo como única alternativa de sentido, estabelece o domínio das estruturas da identidade, sem valorizar a diferença e o diferente. Eles não acreditam que a vida e o real, sempre assistemáticos e anti-predicativos, possam ser assim mensurados, manejados, dominados. Contudo, mesmo que a acusação por muitos aspectos seja válida, a crítica que eles apresentam, para ser comunicada e compreendida, deve ser coerente, deve ser lógica. Paradoxalmente, será preciso usar a lógica para ir contra ela. Então, a difícil tarefa de Nietzsche e Heidegger constitui no fato de se situarem no ambiente da meta-lógica impreterivelmente.

Palavras-chave: modernidade, pós-modernidade, identidade, interpretação.

ABSTRACT

The present article discusses the problem of post-modernity in Philosophy and then faces Nietzsche and Heidegger who are generally considered its beginners. Both of them contest the modernity and the philosophical thought in general mainly because they are predominantly supported by the logic rules which make calculations and render accounts. The “accusation” means that such rational calculations, which circumscribe life itself and sustains itself as the only alternative that makes sense, establishes the domination of identity structures without valuing the difference and the different. These philosophers do not believe that life and reality that has never been systematic and attributive can be measured, manipulated and dominated. However, even if such “accusation” is true due to many aspects, the critic presented by them should be coherent and logic in order to be understood and communicated. It will be necessary, as a paradox, to use the logic against itself. Then, the hard task of Nietzsche and Heidegger is constituted by the fact that they are mainly in the metalogic atmosphere.

Key words: modernity, post-modernity, identity, interpretation

* Professor da Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma (Itália), responsável pela cadeira de metafísica. É autor de vários livros e artigos, conhecidos internacionalmente, dentre eles merece destaque *A paciência de ser. Curso de metafísica*, recentemente traduzido no Brasil pela Loyola.

** Tradutor do artigo original em italiano. Professor adjunto III da PUC Minas . E-mail vitorivo@libero.it.

Como propor atualmente uma forma convincente de sabedoria? Vivemos um momento histórico, em que o pensamento filosófico parece se emaranhar em tamanha confusão, jamais visto antes. É denominado “pós-moderno”, mesmo sendo comum dizer mais simplesmente “anti-moderno”. Contudo, os pós-modernos não concordam em se situar “depois” da modernidade, e as críticas, que fazem ao chamado conceitualismo da modernidade e aos seus sistemas, testemunham que, realmente, eles querem apresentar uma alternativa, não apenas uma superação. Todavia, são claramente “anti”, opostos à formalidade científica do pensamento moderno e de sua pretensão em tudo dirigir, sem, porém, propor qualquer modalidade de assimilação da modernidade. Mais particularmente, se a modernidade pretende pôr em evidência racional um sentido da história e da vida humana, a pós-modernidade contesta a possibilidade ou a sensatez de um tal empreendimento. Autores como Nietzsche e Heidegger, geralmente tidos como iniciadores da virada pós-moderna, insistem em semelhante contestação principalmente quando colocam em crise os ditames da lógica moderna, que calcula e presta contas. A *acusação* é de que tal cálculo racional, circunscrevendo a própria vida e se mantendo como única alternativa de sentido, não estabelece senão o domínio das estruturas da identidade; não passa de manejo conceitual e sistemático da realidade. Eles não acreditam que a vida e o real, sempre assistemáticos e anti-predicativos, possam ser assim mensurados, manejados, dominados.

Fica claro que, a rigor de termos, os pós-modernos não podem ser incluídos em nenhum sistema. Pelo contrário, mediante um esforço literário, nada sistemático, reivindicam um pensamento livre, o qual não se deixa absorver pelas redes de interpretações por eles domesticadas, satisfazendo-se civilmente. A clareza e a distinção cartesiana não são, para eles, critérios de uma filosofia séria, não constituindo, por isso, normas que guiam adequadamente a compreensão do pensamento. Qualquer lógica esvaziaria, inevitavelmente, as reflexões dos pós-modernos e sua originalidade; cancelaria tudo o que neles nos provoca. Qualquer lógica nos faria desatentos às reais preocupações que eles apresentam.

Porém, pode-se, e se deve, em um segundo nível, criticar a postura da pós-modernidade, a qual, em um primeiro nível, critica a modernidade. Provavelmente, a modernidade não tenha ainda perdido todo o direito à palavra; ela não erra sobre todos os pontos de vista. Eis como a modernidade poderia formular a sua resposta: quem critica deve, seja como for, assegurar-se das próprias bases do sustento que lhe dará validade e coerência, que lhe permitirá, sobretudo, de ser entendido. Uma crítica que

parte de um mundo totalmente original, sem conexões coerentes com o interlocutor, jamais será pertinente. Em outras palavras, deve utilizar-se das armas do inimigo; deve ser lógica. Conseqüentemente, uma questão nos invade a mente: criticando a modernidade, os pós-modernos, de fato, não necessitariam do apoio de algum sistema, a saber, da lógica, mesmo sendo o tema que mais criticam na tradição moderna? Entramos, assim, em uma dificuldade crucial para a perspectiva pós-moderna; difícil tarefa dos pós-modernos. Uma dificuldade que poderia se revelar uma contradição interna, caso não prestemos atenção à sua peculiaridade, se não somos capazes de entender o significado destas críticas que definem o estado atual da filosofia, se se está desatento.

Não é fácil precisar a dificuldade em uma enunciação simples. De qualquer forma, a pós-modernidade parece imitar a serpente que morde o próprio rabo. O problema é o de saber se é legítimo contestar uma visão filosófica, vale dizer, uma interpretação do ser no mundo, no caso da visão moderna (que é compartilhada num certo momento da história, e toda voltada para a elaboração de sistemas integrativos) sem se apoiar em um sistema de conceitos e categorias que possibilite certa firmeza à própria crítica. Responder-se-á que não é legítimo. Todavia, a pós-modernidade parece não querer reconhecer isso, diversamente da modernidade, a qual fazia desta exigência o fulcro de seus próprios empreendimentos.

Poder-se-ia evitar tal problema, colocando-se em evidência certa equivocidade dos termos. De fato, existem coerência e coerência. A coerência moderna é caracterizada pela vontade de ir à linguagem explícita, válida por si mesma. Já a pós-moderna rechaça qualquer possibilidade de uma exposição verbal, e nada impede que se tenha, aqui, uma lógica meta-moderna, meta-lógica. Contudo, a pretensão de uma coerência meta-lingüística se diz sempre, e inevitavelmente, na linguagem. Logo, a exigência de explícita coerência novamente se mostra.

A este propósito, com certa ironia, é interessante notar que Heidegger julga Nietzsche submetido aos critérios da metafísica clássica, ou seja, representativa. Nietzsche seria, então, o último dos metafísicos clássicos. Por sua vez, Derrida afirma o mesmo de Heidegger. Depois, o mesmo se diz de Derrida, quando a teoria do dom é criticada como sendo, também ela, por demais sobrecarregada de representação, aos moldes de câmbios econômicos, dos quais pretendia se safar.

Será que todos os comentaristas precisam rebaixar os seus próprios inimigos...? Porém, tal explicação, fecunda em ceticismo e desempenho especulativo, seria muito

fácil. A ironia, que surge na nossa mente quando nos damos conta da tática de acusação entre os comentaristas, é, na realidade, de tipo kierkegaardiano, ou seja, revelador. Revela que não se pode descuidar dos sistemas, dos conceitos, das categorias, mesmo quando se vê e se diz que é preciso ir além deles.

Diante disso, será necessário destacar dois pontos importantes para nos livrar da equívocidade dos termos: 1) toda interpretação, será, de direito, infinita. O que é aceitável, mesmo diante do risco de um regresso ou progresso ao infinito; 2) Nietzsche e Heidegger, críticos da linguagem sistemática (ou *more geometrico*), não podem ser comentados *more geometrico*. Em outras palavras, os seus escritos, quase sempre aforísticos, não podem ser lidos com a pretensão de se deparar com as estruturas características da verdade, entendida de modo clássico, mais precisamente, como adequação da representação racional (*intellectus*) ou da interpretação estruturada com a realidade (*res*). A definição clássica, de fato, mede a realidade – examinada pela luz que nossos códigos intelectuais oferecem – com o resultado. O real passa a ser determinado através de formas culturais *a priori* e, necessariamente, coerentes com o saber em geral. Realmente, a definição clássica da verdade tem a sua máxima expressão nos empreendimentos modernos.

Por outro lado, se um autor (no caso de Nietzsche e Heidegger) diz e mostra que resiste à pretensão da *classicidade*, posso, ainda, interpretá-lo com as chaves da mentalidade contestada? O problema é que, para interpretá-lo, acaba sendo necessário reduzi-lo a um sistema, cuja pertinência é por ele contestada. Deste modo, devo supor, previamente, que ele não faz o que diz. Logo, ele não merece confiança. Se não o considero confiável, posso atribuir-lhe, graças à interpretação que faço, quaisquer conteúdos, a meu bel prazer.

Então, assim se formula a pergunta: ou a interpretação (por razões... coerentes...?) busca o princípio de coerência de um discurso que proíbe o mostrar-se do princípio, ou não busca tal princípio, arriscando, assim, permanecer pouco comunicável e convincente, mas respeitoso com relação ao autor. Portanto, como construir, por exemplo, uma interpretação que, com justiça, convenha a autores como Nietzsche e Heidegger? Que valor terá uma interpretação que não pode, *a priori* (os autores citados o proíbem), apoiar-se sobre algum princípio? Aqui, não se pode senão raciocinar, fazendo emergir um sentido aceitável e convincente, coerente, dos aforismos pós-modernos. Situamo-nos no círculo hermenêutico, como sói dizer, um círculo que, em prática, jamais pode concluir. Então, o pensamento, de agora em diante, *oscila*.

Conseqüentemente, a interpretação se encontra numa situação muito difícil. Como fará para não tomar distância das exigências de comunicação (enquanto tal, sistemática) e conseguir entrar no “círculo hermenêutico”, sem perder de vista a necessária qualidade interpretativa? Não estou convencido de que o sucesso seja possível.

Outro problema seria o modo de tratar o “conceito” enquanto expressão nocional típica da modernidade, a qual estabelece o movimento da vida em fórmulas perfeitamente límpidas aos olhos da razão. Semelhante “conceito” surge como oposição à intenção da pós-modernidade, ainda mais se considerada a vertiginosa *oscilação conceitual* que se encontra tanto em Nietzsche quanto em Heidegger. Porém, tal oposição não liberta a criatividade, e a pós-modernidade se veste, então, de anti-modernidade. A crítica ao *conceitualismo* constitui, aliás, um refrão da filosofia contemporânea, que, quase sempre, diz ser a perda da atividade espiritual o mal do homem, dada a concentração exclusiva do saber no operar determinante da *tecnociência*.

De fato, somos atingidos por certa angústia diante das potências, pouco democráticas, de que os cientistas se revestem, graças ao concurso de uma cultura globalmente empirista. Por isso, muitos autores buscam um refúgio em uma inspiração romântica, não importa se de origem alemã, francesa ou italiana, que repercute no Dionísio do *Nascimento da tragédia* e em livros que colocam a vida contra o conceito, com modalidades habitualmente precipitadas. Assim, pensadores, como Nietzsche e Heidegger, seriam tidos como “irracionais”, *tout court*. Contudo, aqui não poderiam existir confusões tais que autores, altamente especulativos, sejam julgados pelos atuais adeptos da modernidade como sentimentais ou tratados como se o fossem?

Com razão, não se pode atribuir o predicado “irracional” a Nietzsche e a Heidegger. Neste caso, não se pode assumir o partido dos modernos. Todavia, tal consideração não seria mera prudência? Poder-se-ia ir além da prudência. A dificuldade é que uma racionalidade meta-racional não parece encontrar, no dicionário clássico, algum “modelo” suscetível para estabelecer o seu discurso. Eis porque a meta-racionalidade de Nietzsche e de Heidegger é passível de ser afirmada, mas parece impossível de ser descrita. A não ser que a temática do dom e do *pathos* joguem precisamente este papel articulante, que, na realidade, é o mesmo da analogia clássica mais rigorosa. Tal analogia é a que atravessa a via negativa sem desembocar na perspectiva da eminência, como se fosse um retorno à via positiva do conceito

disponível e manejável. Existe negativo no amplo movimento da analogia clássica, mas uma negação que é habitualmente desprezada pelo pensamento moderno.

Antes de tocar nos dois temas, do dom e da passividade, apenas assinalados, é interessante ressaltar a distinção dos modos de se ler o termo *stéresis* ou “privação” (o termo é aristotélico), a saber, como *falta* e *ausência*. Tal distinção nos ajuda a compreender melhor a especificidade da pós-modernidade. O faltante é sempre referido àquilo que *falta*; é intrinsecamente à espera de preenchimento. Por isso, a *falta* está destinada a terminar. A *ausência*, por sua vez, é sem esperança pelo amanhã; está destinada a não ter fim. Um argumento transcendental se situa no âmbito da *falta*. Supõe, de fato, que a *falta* tenha um sentido, um fim, implica a possibilidade, melhor, a necessidade de preenchimento. O argumento, que rechaça o regresso ao infinito, encontra, aqui, o seu lugar racional. É um argumento que vale no mundo dos conceitos ou, também, no da matéria “prima”. São aspectos que Nietzsche e Heidegger colocam em crise. Para eles, é preciso dar rédeas ao infinito, no qual se encontra a saída das filosofias transcendentais finitas, para assumir um outro modo de filosofar. Com Nietzsche e Heidegger não estamos mais na *falta*, mas na *ausência*, constituindo uma radical mudança do ponto de vista.

Semelhante mudança assinala a originalidade da pós-modernidade, seu segredo, na medida em que não pode mais ser sistematizada em uma exposição óbvia. Uma mudança para a *ausência*, para o nada. É o niilismo da pós-modernidade, o qual não é universalmente destrutivo, como poderia ser o “nada” que Jaspers lê em Heidegger. O *desmascaramento* proposto por Nietzsche, por sua vez, não é para validar um novo sistema, uma alternativa – o nada, de fato, não é –, mas para abrir, de novo, o pensamento ao transcendente através do “eterno retorno”. Então, um Nietzsche menos distante do cristianismo dos manuais *racionalizantes* de outros tempos. Picht utiliza, a propósito, uma fórmula prodigiosamente incisiva: o processo do “eterno retorno” é *in infinitum*, não *ad infinitum*.

O tema do “dom” aparece, de modo espontâneo, em um semelhante contexto meta-racional. Em Nietzsche, o tema diz respeito ao Zaratustra que “chama”, que interpela. O discurso de Zaratustra não se impõe aos moldes de um discurso científico, violento. Não é, tampouco, gentil, à maneira de um dito vagamente poético. Será patético: quem escuta um tal discurso é convidado a sair da sua pátria, a entrar no mundo novo do símbolo. Contudo, o *pathos* não parece muito “receptivo” em Nietzsche. Imediatamente, inverte-se em “vontade de potência”, certamente ambígua,

mesmo se é “potência” libertadora. Mas, de que coisa liberta? Prefiro a libertação evangélica à proposta por Zaratustra. O *pathos* parece diluir o *telos* somente em uma constante tensão emotiva. Libertação das emoções é o bastante?

Os temas do dom e do *pathos* aparecem também em Heidegger, principalmente se evidenciamos o liame entre dom e a *Kehre* (*Kehre*, um nome “curto” que pode valer por um mais “longo”: “oscilação”). O dom heideggeriano é teso; é presença porque doado, mas, ao mesmo tempo, ausência porque, quem se doa, o *Seyn*, nunca se perde em seus dons, transcende-os sempre, colocando-se por detrás. Graças à transcendência da origem, ou da sua ausência fundamental, Heidegger pode ser considerado pós-moderno. Mas, por outro lado, é tão sistemático! O seu sistema, porém, está a serviço de um princípio impossível de se sistematizar. Basta lembrar a seqüência do próprio itinerário do filósofo de Freiburg: *Dasein*, *Ereignis*, oscilação, dom, *Ab-grund*. Deste modo, vai-se de uma aparente antropologia ao melhor da metafísica, à questão do fundamento radical. O tema do *evento* (*Ereignis*) parece, aqui, central. O pensamento heideggeriano e os outros termos ou categorias giram em torno dele, como instrumentos filosóficos úteis para se explicar a estrutura essencial da “meia-volta” (da *Kehre*). Confirma esta idéia o fato de que a “apropriação”, característica da *Ereignis*, é superior à “diferença ontológica”. Em Heidegger, de fato, a oscilação é mais importante do que o esquecimento do ser; a doação da origem mais decisiva do que o passo atrás na própria origem. Talvez, por este motivo, o tema do *pathos*, que pertence à meditação sobre o *Dasein*, e não interessa ao *Seyn*, prescindida de maiores explicações.

Pode-se dizer que as filosofias, depois de Nietzsche e Heidegger, são mais atentas ao *sentido* do que ao *saber* determinante. Nisso, longe de serem acusadas meramente de *desestruturantes*, estão além das filosofias modernas. Pelo menos, aqui, se pode notar um passo significativo para a especulação filosófica atual. Aliás, surge ainda a seguinte dúvida: será que a modernidade, de essência analítica, não será mais *desconstrutiva* do que a pós-modernidade, a qual poderia encontrar o melhor da antiga tradição especulativa na analogia dionisíaca?